

CRUZANDO A LITERATURA E A HISTÓRIA EM TEIXEIRA DE PASCOAES

MARIA PAULA FERREIRA DA CUNHA LAMAS
(Univ. Aberta)

329

Tendo vivido entre 1877 e 1952, Teixeira de Pascoaes assiste ao conturbado ambiente histórico-cultural que caracteriza a sua época e que atinge Portugal e o Mundo. Muitos acontecimentos contribuem para esta instabilidade, tais como o regicídio e o fim da monarquia, a implantação da República, a ditadura militar e as duas guerras mundiais¹. O início do século XX é igualmente marcado pelas descobertas científicas e pelo progresso técnico. Paralelamente emergem doutrinas que preconizam a sua minimização, por considerarem que o homem se escraviza face às novas invenções: «A crença na civilização mecânica e industrial, que o avanço científico e tecnológico tinha permitido e permitia ainda desenvolver, não parecia satisfazer, pelo esvaziamento de conteúdo humano que implicava, as mais íntimas aspirações do Homem.» (Sá: p. 24). Perante esta crise de desalento e de falta de esperança no país, surge uma literatura nitidamente nacionalista, na qual se insere Teixeira de Pascoaes, que, ao ambicionar o ressurgimento de Portugal, vai utilizar a sua obra para difundir um ideal messiânico.

A fé num Salvador, que libertaria a Pátria, desenvolveu-se a partir do século XVI, com a divulgação das *Trovas* do Sapateiro de Trancoso, Gonçalo Anes, conhecido pelo Bandarra². Influenciado por leituras bíblicas, este profeta vaticinara a vinda de um Encoberto, que elevaria Portugal, tornando-o o cérebro de um Império, onde reinaria a serenidade e a justiça. As enigmáticas composições do Bandarra, repletas de messianismo, foram circulando pela generalidade da população, sendo, no entanto, os judeus, que se tornaram cristãos-novos, os seus principais admiradores e divulgadores, pois encontravam aí a resposta para as suas ambições³.

Apesar de o sapateiro de Trancoso ter falecido em 1545⁴, encontra-se já nas suas *Trovas* a referência à vinda de um Rei, de um Salvador, idêntico ao esperado e

¹ (Cf. Sá: p. 21).

² «Mito de raiz popular, crença na vinda dum Salvador capaz de resgatar o país e dar-lhe uma grandeza nova, o sebastianismo, como messianismo e mitologia portuguesa, gera-se antes mesmo do nascimento de D. Sebastião, com as trovas profético-messiânicas dum obscuro vate beirão, durante a primeira metade do século XVI, o sapateiro de Trancoso, Gonçalo Anes, por alcunha o Bandarra, cujas visões iriam constituir uma verdadeira Bíblia de fé sebastiânica.» (*História de Portugal*: p. 269).

³ «O acolhimento ao Bandarra e às suas trovas por parte da comunidade cristã-nova tinha a ver com todo o pensamento messiânico que se desenvolveria em Portugal, depois do baptismo forçado dos judeus portugueses. (...) / As trovas do Bandarra, eivadas de ideias messiânicas, mais não fizeram do que reflectir este sentimento, na forma como foram acolhidas e divulgadas pelos cristãos-novos. Se, por um lado, reflectiam o milenarismo cristão, ao referirem o amor universal, sob a égide de Cristo, por outro lado, demarcavam-se deste (...)» (*Ibidem*: p. 36).

⁴ (cf. *Dicionário de Literatura*: p. 1010).

ambicionado, depois da derrota de Alcácer Quibir, como comprovam os versos: *Este sonho que eu sonhei, / É verdade muito certa; / Que lá da ilha encoberta. / Há-de chegar este Rei...* (cf. Pascoaes: 1987, p. 127). O facto de D. Sebastião ter desaparecido, sem deixar descendência, contribuiu para que Filipe II de Espanha reclamasse e se apoderasse do trono português, em 1580. Desde então, Portugal esteve sob o domínio filipino, até 1 de Dezembro de 1640, época em que, finalmente, se conseguiu a restauração da independência. Foi em 1578, com a derrota do exército português, em Marrocos, e com o desaparecimento do rei, que o sebastianismo, propriamente dito, alastrou como esperança para a resolução do problema político-social do reino, apoiado na crença do regresso de D. Sebastião, numa manhã de nevoeiro, e na reposição da liberdade e da glória lusitanas.

As profecias do Bandarra persistiram ao longo dos séculos e, em épocas de crise, foi reaparecendo a fé na vinda de um Redentor da Pátria⁵. É dentro deste espírito que, em 1912, com a colaboração de outros intelectuais, tais como Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão, Teixeira de Pascoaes funda uma sociedade cultural, designada por *Renascença Portuguesa*, tornando-se director da revista *A Águia*. Esta publicação apresenta como objectivo «(...) criar um novo Portugal, ou melhor, ressuscitar a Pátria Portuguesa, arrancá-la do túmulo onde a sepultaram alguns séculos de escuridade física e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram.» (*A Águia*: p. 25).

Para Teixeira de Pascoaes a Pátria é «(...) *um ser espiritual, a quem devemos sacrificar a nossa vida animal e transitória.*» (Pascoaes: 1998, p. 24). O escritor considera que o nosso país foi livre enquanto foi genuinamente português, como aconteceu na gloriosa época dos Descobrimentos, espelho do espírito de aventura e de coragem dos lusitanos, devendo «(...) cada povo ser criador e não imitador; ou antes, só imitador do que ajuda à criação.» (cf. Patrício: p. 45). É com pesar que Teixeira de Pascoaes verifica a desnacionalização de Portugal, nos diversos domínios, religioso, cultural e político⁶, e diz que é imperioso renascer, através da criação de uma vida nova. Como a juventude é a esperança e o futuro de cada país, Pascoaes dedica-lhe a *Arte de Ser Português*, com o intuito de a moldar e a guiar, num sentido patriótico, fortalecendo-lhe o carácter.

Ao analisar a alma lusitana, Teixeira de Pascoaes admite que esta possui vários defeitos: a falta de persistência, a tristeza, a inveja, a vaidade, a intolerância e o espírito de imitação⁷. No entanto, estes defeitos poderão e deverão ser suplantados pelas grandes qualidades portuguesas: o génio de aventura, o espírito messiânico e o

⁵ «A nota optimista do escatologismo bandarriano e o vago significado colectivo das *Trovas*, que as torna aplicáveis a qualquer grave cataclismo religioso ou político-social, deu-lhes enorme retumbância nos tempos das perseguições aos Judeus, nas lutas da Reforma e da Contra-Reforma, bem como, e sobretudo, na grave crise dinástica durante a menoridade de D. Sebastião e catástrofe de Alcácer Quibir com a consecutiva perda da independência, ressuscitando noutras épocas de sobressalto (...).» (*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*: p. 495).

⁶ **Religiosamente**, o domínio total da mentalidade nascida da contra-reforma, propulsionada pelos jesuítas e pela Inquisição, abafou definitivamente a pouca autonomia que a igreja portuguesa ainda possuía, embora desde sempre o alto clero se tenha mantido fiel a Roma; **culturalmente**, a sintonia de princípios filosóficos e teológicos entre a Universidade de Coimbra e a Sorbonne de Paris no seio de uma escolástica religiosa comum, depois do malogro da reforma humanista de D. João III, esmagou o espírito criador e aventureiro, saudoso e messiânico, que penetrava de lirismo peninsular as obras civilizacionais dos Descobrimentos; **politicamente**, depois do absolutismo, que pulverizou a autonomia regional e municipal, o constitucionalismo francês, apadrinhado pelos «altos políticos», desnacionalizou duradouramente (dois séculos, o XVIII e o XIX) as instituições democráticas e populares criadas de modo genuíno pelo povo português.» (Carvalho: p. 18).

⁷ (Pascoaes: 1998, pp. 99-104).

sentimento de independência e liberdade⁸. Entre as qualidades, Pascoaes destaca a esperança messiânica, através do renascimento do passado, e o espírito aventureiro, que se projecta no futuro⁹, completando o ciclo da vida. O escritor incentiva os portugueses a preservarem estas qualidades, que são genuínas do povo lusitano, e a não trocar «(...) a nossa figura pela máscara importada.» (Pascoaes: 1998, p. 12).

Ao pretender um ressurgimento nacional, Teixeira de Pascoaes cria uma doutrina que apresenta como fulcro a saudade¹⁰, pois considera-a o verdadeiro *sangue espiritual da Raça*. Não concordando com uma filosofia firmada nesse sentimento, António Sérgio recorre à ironia para criticar os saudosistas, ridicularizando o facto de tentarem definir a saudade como uma *forma de representação e de volição*: «O resultado é que estes definiram, não a saudade, não uma característica humana, quanto mais portuguesa, mas um rude facto geral de toda a animalidade. Exemplificando: / Um sujeito vê um dia um cão e bate-lhe. O cão foge, desmoralizado pelo inesperado do ataque. Decorridos dias, o nosso homem passa outra vez pelo cão, sem dar por ele. Ao cão vem-lhe um desejo naturalíssimo de sentir a carne do agressor comprimida entre os seus caninos (...). Que se passara na consciência do animal? Nada de extraordinário: uma velha lembrança gerando um novo desejo: a saudade (definição de Pascoaes).» (*A Águia*: p. 47).

Por seu turno, Teixeira de Pascoaes tenta justificar o seu ponto de vista, alegando: «Consideramos a saudade um sentimento-síntese, um sentimento-símbolo, resultante da fusão harmoniosa dos dois princípios do Universo e da vida que, desde a origem, se digladiam: espírito e matéria, desejo e lembrança, dor e alegria, treva e luz, vida e morte. / António Sérgio não quis compreender assim, e afirma erradamente que nós não definimos a saudade, mas um rude facto geral de toda a animalidade. E como prova apresenta uma chalaça canina que pode fazer arregar os dentes... só para rir, é claro.» (*A Águia*: p. 50).

António Sérgio contesta Teixeira de Pascoaes, que está convicto de que a Saudade é intraduzível e é própria da natureza lusitana¹¹, dizendo ironicamente: «O dogma do privilégio exclusivo da palavra é muito velho; o do privilégio exclusivo do sentimento, claro está, é novíssimo. Novíssimo e naturalíssimo. Como poderia um lusitano do século XX conceber que se pudesse ser estrangeiro e sentir saudades? Creio mesmo que somos demasiado generosos em conceber que se possa ser estrangeiro. (...) / Com efeito, muito ao contrário do que Pascoaes afirma, a palavra saudade é traduzível. Várias nações a representam por um termo especial (...)» (*Filosofia da Saudade*: pp. 60-61). O erro dos saudosistas, segundo António Sérgio, consistia «(...) na sua incapacidade de perspectivar a história de um modo contínuo e dinâmico, feita de momentos

⁸ (*Ibidem*: pp. 89-93).

⁹ «Duas grandes qualidades possui o povo português: o Génio Aventureiro e o Temperamento Messiânico», aventura criadora do futuro e esperança messiânica com cíclico ressurgimento do passado, passado e futuro unidos pela ponte emotiva da Saudade, ou por o que Pascoaes designa por «religião da Saudade» (...).» (Carvalho: p. 17).

¹⁰ Pascoaes definiu a saudade como sendo «(...) o amor carnal espiritualizado pela dor ou o amor espiritual materializado pelo desejo; é o casamento do beijo com a lágrima; é Vénus e a Virgem Maria numa só mulher. É a síntese do Céu e da Terra; o ponto onde todas as forças cósmicas se cruzam; o centro do Universo; a alma da natureza dentro da alma humana e a alma do homem dentro da alma da natureza. A saudade é a personalidade eterna da nossa raça; a fisionomia característica, o corpo original com que ela há-de aparecer entre os outros povos.» (*A Águia*: p. 31).

¹¹ «Não há grande Poeta português que não viva dramaticamente esta Saudade. É ela a dolorosa essência metafísica da nossa autêntica literatura, incluindo a Poesia popular. É a Saudade do céu, divina sede de perfeição e Redenção, o eterno Sebastianismo da alma portuguesa e a sua transcendente e poética atitude perante o Mistério infinito! / Eis a Saudade que é só nossa, que é intraduzível, que é da nossa Raça, porque é de origem colectiva, e encontra a sua mais alta expressão no Cancioneiro do Povo (...).» (*Filosofia da Saudade*: p. 67).

de avanço e momentos de estagnação e, assim, desejando dar voz a uma cultura de séculos, sintetizando-a numa só palavra, tomaram a saudade como sentimento não só comum a toda uma nação e a todos os seus diferenciados séculos de vida, como inclusivamente a definiram como sentimento genuíno e exclusivo dos portugueses.» (Carvalho: p. 35). António Sérgio considera também que os saudosistas contrariam o progresso, porque estão aprisionados ao passado, sublinhando: «O pensar do nosso tempo concebe essencialmente a vida como uma marcha para o novo, e mesmo, não raro, como uma carga de cavalaria. Ora a saudade é o contrário de tudo isso: imobilismo, inércia, contemplação do passado, amor de cristalizar ou mumificar o que já foi (...)» (cf. Carvalho: p. 37). Igualmente a contribuir para este obstáculo ao progresso, António Sérgio salienta o facto de Teixeira de Pascoaes viver no campo, o que o transforma numa vítima do isolamento, pois está afastado da civilização.

Novamente Teixeira de Pascoaes tenta defender-se destas acusações, respondendo: «Também erra, meu caro amigo, quando afirma que a Saudade é retrógrada e parálitica (...). / Sim: a Saudade é a grande criadora do Futuro, mas não tira o Futuro do Nada, não consegue um Futuro de geração espontânea ou caído miraculosamente das estrelas. / Ela constrói o Futuro com a matéria do Passado. (...) O Passado é indestrutível, nele murmura a fonte onde bebemos as novas energias. Ai de nós se não tivéssemos passado! Ai, da árvore, sem profunda terra onde mergulhar as raízes! Não pode frutificar.» (*Filosofia da Saudade*: p. 68). Relativamente ao isolamento de que António Sérgio o acusara, argumenta: «Para mim, a palavra Isolamento quer dizer: evitar o nosso espírito de contágios deletérios, que o adoeçam no seu carácter original: mas nunca, de maneira alguma, eu defendi a quebra de relações com o resto do mundo. Cada povo tem as suas qualidades especiais que mutuamente se estimulam e completam. E estas qualidades especiais é que é preciso conservá-las sempre acesas.» (*Filosofia da Saudade*: p. 106).

Inevitavelmente a polémica continuaria, pois Teixeira de Pascoaes e António Sérgio representavam «(...) dois campos opostos: do lado de Sérgio, o pedagogismo esclarecido, a valorização do aspecto económico, a crença no progresso técnico, o desejo de europeização do país, a defesa da “mente prática”; do lado de Pascoaes, a visão espiritualista e idealista do fim do século, mais próxima da tradição e dos valores nacionais, a feição ruralista, a exaltação da Alma, a fé messiânica, enfim, a revalorização do Sonho e a rejeição do “senso comum”. A contenda era suficiente para agitar o panorama intelectual português e fazer emergir um caudal de novas palavras, ideias, crenças, temas e motivações.» (Sá: p. 264). Amargamente esta polémica marcou Teixeira de Pascoaes que acabou por confessar: «*Há coisas cruéis neste mundo!* O meu caro António Sérgio desde longos meses me persegue de martelo em punho, encarvoada blusa de ferreiro, os grandes olhos negros faiscantes de metálicos brilhos, a face talhada em fumarentas expressões, todo num arremesso destruidor contra o meu pensamento saudosista, contra a frágil e trémula saudade, pobre e delicada Virgem, branca de pânico, sob a lança dos judeus!» (*Filosofia da Saudade*: p. 97). Por seu lado, António Sérgio sentiu-se na obrigação de redigir um esclarecimento público, para tentar desfazer o que designaria de “mal-entendido” (Sá: p. 266), justificando-se: «Com efeito, lá porque um dia levantei reparos a que se apresentasse como doutrina de todos nós (os membros da *Renascença*, colaboradores da *Águia*), um nacionalismo estético-psicológico-político que era apenas dele e de poucos mais, *criou-se essa lenda de eu ser adverso* a um eloquentíssimo poeta que sempre admirei e amei.» (cf. Sá: p. 266). No entanto, a publicação destas duas posições também foi proveitosa, pois possibilitou a Teixeira de Pascoaes o esclarecimento de certos aspectos obscuros, tornando mais elucidativa a teoria da saudade.

De facto, a polémica entre Pascoaes e Sérgio suscitaria opiniões bem diversas. Por exemplo, Clara Calafate apresenta uma atitude conciliadora, declarando: «António Sérgio tinha razão em muita coisa que dizia, mas não na posição tão extremista em relação à poesia de Pascoaes. Se havia ingenuidade neste por basear a redenção da Pátria num excesso de sonho, não havia menos em António Sérgio, pelo seu excessivo espírito prático. Bastaria um pouco de moderação para os aproximar, porque afinal um e outro representavam apenas facetas diferentes duma mesma realidade humana – o espírito e a matéria reclamavam os seus justos direitos» (cf. Sá: p. 271). Opondo-se a este parecer, Manuel Ferreira Patrício chega a conclusões muito diferentes, afirmando: «A meu ver, Sérgio e Pascoaes não podiam aproximar-se. Não havia moderação que chegasse para isso. Falavam de universos de pensamento e sentimento sem comunicação entre si. As respectivas lógicas não eram conjugáveis. Creio que foi por isso que a “polémica” acabou abruptamente: o diálogo era impossível; havia apenas dois monólogos.» (Patrício: p. 121).

Igualmente insatisfeito com o estado da cultura portuguesa, Fernando Pessoa utiliza a sua obra para divulgar pensamentos messiânicos, pretendendo um regresso às origens, através do ressurgimento da verdadeira essência nacional. Pessoa e Pascoaes apresentam certas afinidades¹², tais como a aversão a modelos importados, lamentando a desnacionalização da pátria, nas áreas da literatura e da política, e ambicionando um primordial lugar no Mundo para a Língua Portuguesa. E, tal como Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa também vai colaborar na revista *A Águia*, tentando acalantar o espírito colectivo e fazendo a apologia de semelhantes ideais: «Partilha, deste modo, o optimismo profético de Pascoaes; certo da existência dum nexó íntimo entre poesia e civilização, igualmente vaticina um espantoso renascimento em que o povo português criará «*novos moldes, novas ideias gerais* para a civilização europeia» (Coelho: p. 177). No entanto, estas convergências não são sinal de total identidade entre estes dois escritores, pois «(...) Pessoa, ao definir a filosofia portuguesa patente na “nova poesia” pelo “transcendentalismo panteísta”, nunca a relaciona, como faz Pascoaes, com a dupla face da Saudade, misto de lembrança e desejo, de cristianismo e de paganismo.» (Coelho: p. 179). Fernando Pessoa censura os saudosistas por recorrerem a *misticismos de pensamento e de expressão* e pensa que é imperioso *clarificá-los*¹³, apresentando, assim, duas atitudes distintas e aparentemente contraditórias, porque, por um lado, critica Pascoaes, por outro, «[p]arece admirá-lo como poeta e comungar, dum modo geral, no seu pensamento; o que procura é definir melhor esse pensamento, completá-lo, justificá-lo.» (Coelho: p. 177). Ambos os escritores denunciam idênticas preocupações ao reflectirem sobre os mesmos temas¹⁴, mas vislumbram a vida através de uma óptica

¹² «(...) Pessoa e Pascoaes – repudiam o catolicismo, do mesmo modo que combatem todas as ideias ou instituições importadas. Querem uma religião tão nacional como a filosofia e a literatura. Condenam o século XX por ter desnacionalizado o país na vida política, na literatura, nos costumes. Mantendo-se fiéis ao regime implantado em 1910, olham com desgosto ou náusea para a actualidade política: simplesmente, aspiram a soluções diversas. Não admira: foram modelados por meios e experiências diferentes; um gerou-se no campo, à vista do Marão, e desde a infância conviveu com gente do povo; o outro, transplantado aos sete anos para a África do Sul e regressado em 1905, a bem dizer da realidade portuguesa tangível só conhece Lisboa.» (Coelho: pp. 180-181).

¹³ «(...) Fernando Pessoa impõe-se o dever de demonstrar, friamente, “com raciocínios e cingentes análises”, a justeza das intuições proféticas de Pascoaes; vai pôr “em termos de compreensibilidade lógica o valor e a significação” do movimento saudosista “perante a sociologia”. Quer dizer: ao mesmo tempo que eleva, diminui Pascoaes, negando-lhe consciência crítica. (...) Propõe-se confirmar “matematicamente” aquilo que Pascoaes adivinhou pela “fé” e “intuição” dos “místicos”.» (*Ibidem*: p. 178).

¹⁴ «A nostalgia da infância é um dos grandes temas comuns aos dois poetas – em Pessoa muitas vezes como bem perdido, pois o tempo é irreversível, a infância que lembramos é uma infância imaginada, enquanto Pascoaes, igualmente saudoso (“Hei saudades de mim, doutro que fui, menino!” (...) / Outro tema comum, embora mais característico de Pessoa, e ligado às horas de solidão reflexiva, é o tema de estranheza que o nosso ser nos provoca: desconhecemo-nos, somos estrangeiros para nós próprios. (...) / Ambos poetas de inspiração metafísica, tanto em Pessoa como em Pascoaes comparecem os temas do Tempo e da Morte, embora, claro está, diversamente focados.» (*Ibidem*: pp. 193-195).

diferente. A *Mensagem* é um relevante testemunho sebastianista, em que o seu autor percorre simbolicamente todo o ciclo de vida da Pátria, desde o nascimento até à morte, a qual comporta uma esperança, através do ressurgimento para uma nova vida, tal como pretende Teixeira de Pascoaes. No entanto, ao contrário deste, Fernando Pessoa apresenta as suas ideias de uma forma distinta, ao «(...) expurgar toda a sensibilidade e todo o sentimentalismo (...) saudosistas, para nos mostrar o mito, despojado e reduzido ao essencial (...)» (Quadros: p. 111).

Por seu turno, Teixeira de Pascoaes é da opinião de que a verdadeira poesia tem de ser genuinamente *espontânea* e não maquinalmente *fingida*, afirmando relativamente a Pessoa: «Era “um grande talento”: como crítico e como ironista não houve ninguém que o igualasse. Simplesmente, não era poeta: (...), nem bom nem mau (...) Fernando Pessoa tentou intelectualizar a poesia e isso é a morte dela. (...) Em resumo, Fernando Pessoa não foi poeta porque foi dotado dum raciocínio matemático. Ora a matemática estiliza a poesia e a poesia não pode ser estilizada, porque a estilização mata.» (cf. Coelho: p. 189). Adoptando uma posição similar, Fernando Pessoa também aponta defeitos na poesia de Teixeira de Pascoaes, chegando a considerar que os saudosistas *não eram artistas...* (cf. Coelho: p. 188). Verifica-se, assim, que «[u]m poeta como Pessoa, cerebral, “fingidor”, e um vate como Pascoaes, paladino da “cegueira visionária”, dócil instrumento das suas intuições e da magia do Verbo, dificilmente podiam entender-se.» (Coelho: p. 183). Entre os diversos antagonismos¹⁵, «[a] diferença decisiva reside porventura no facto de Pascoaes se dar inteiro em cada momento, empenhando-se todo, ingenuamente, generosamente, em cada passo da sua aventura espiritual. Não se desdobra, como Pessoa, no homem intuitivo que adivinha e no homem lúcido que nega ou confirma; não se dissocia, não se distribui, não isola cada faceta da sua personalidade, cultivando em si o diverso. Em Pascoaes, afirmação e negação vão juntas, simultâneas, são termos complementares, fundem-se numa atitude ambivalente.» (Coelho: p. 191). Em Fernando Pessoa, por um lado, há um maior controlo de emoções e a intelectualização das sensações, por outro, a diversidade contraditória de sentimentos e de posições conduzem-no a uma despersonalização e, conseqüentemente, a uma simulação patente na criação de *máscaras*. Ao contrário do que sucede com Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa alterna entre identidade e alteridade, tentando, através da fragmentação, alcançar o todo pela junção das partes.

Em contrapartida, em certos aspectos as respectivas obras convergem, pelo que se admite que a leitura de Teixeira de Pascoaes tenha realmente influenciado Fernando Pessoa. Através do seu heterónimo Alberto Caeiro, confirma-se que os dois escritores: «(...) encaram a Natureza *de um modo directamente metafísico e místico*, ambos encaram a Natureza como o que há de importante, excluindo, ou quase excluindo, o Homem e a Civilização, e ambos, finalmente, integram tudo o que cantam nesse seu sentimento naturalista.» (cf. Coelho: p. 188). Apreciando semelhantes prazeres, Caeiro e Pascoaes privilegiam a ruralidade, valorizando as múltiplas sensações, visuais e auditivas, proporcionadas, de uma maneira ímpar, pela vida campestre, pois consideram que a felicidade plena só poderá ter lugar na tranquilidade do campo, o

¹⁵ Entre várias divergências, é de destacar: «(...) enquanto o espírito de Pessoa se retrai, se encasula, dando-se a viajar no labirinto subjectivo, o de Pascoaes é centrífugo, expansivo, derrama-se pelo mundo da imaginação, por uma Natureza povoada de almas, pelo infinito do espaço e do tempo (...). Em Pessoa estão geralmente bem marcadas as fronteiras entre o eu e a circunstância; em Pascoaes essas fronteiras apagam-se: o mundo é projecção do eu, e, por sua vez, o eu dilui-se no mundo. Paralelamente, a expressão poética em Fernando Pessoa (ao menos em Ricardo Reis e nas obras ortónimas) é medida, calculada, ao mesmo tempo musical e rigorosa; em Pascoaes, muito mais indecisa e prolixa.» (*Ibidem*: pp. 191-192).

que vai ao encontro da *aurea mediocritas* de Horácio. As identidades entre os escritores ultrapassam o referido heterônimo, como testemunha Jorge de Sena, que detectou nos textos de Álvaro de Campos e de Teixeira de Pascoaes: «certo sopro de epopeia, certa largueza pantéista do tom, certa expansividade retórica e evocativa (...)» (cf. Coelho: p. 197). Ao comungar da mesma frustração face ao enigma da vida, Álvaro de Campos e Teixeira de Pascoaes recorrem ao jogo de ambiguidades, tentando ultrapassar o tédio que os invade no seu quotidiano.

Conscientes da absurda realidade da existência, Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa recusam-se a aceitar a vida tal como ela é, refugiando-se nas memórias de uma infância que representa uma felicidade perdida, denunciando uma permanente inquietação metafísica e oscilando entre a esperança e a decepção, na busca incessante da concretização de um sonho colectivo. Igualmente intranquilos, transparecendo nas suas composições uma visão «(...) mais optimista em Pascoaes, mais deprimente em Pessoa, ambos, afinal, se submetem ao absurdo: tudo lhes parece ambíguo, instável, ao mesmo tempo falso e verdadeiro.» (Coelho: p. 198). Poder-se-á concluir que Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa revelam «(...) profundas afinidades que, sob a capa das diferenças e da mútua incompreensão, ficaram na sombra.» (Coelho: p. 175).

De acordo com as circunstâncias e as épocas, verifica-se que o messianismo, fruto do descontentamento sócio-cultural, foi surgindo metamorfoseado, gerando composições literárias e constituindo parte integrante e indissolúvel da alma lusitana.

Bibliografia

1989, *A Águia*, sel., pref., e notas de Marieta Dá Mesquita, Lisboa, Publicações Alfa.

CARVALHO, Joaquim

1998, *Elementos Constitutivos da Consciência Saudosa e Problemática da Saudade*, Lisboa, Lisboa Editora.

COELHO, Jacinto do Prado,

1977², *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Moraes Editores.

COELHO, Jacinto do Prado (dir.)

1976³, *Dicionário de Literatura*, vol. II, Porto, Figueirinhas.

1965, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 3.^a vol., Lisboa, Editorial Verbo.

BOTELHO, Afonso e TEIXEIRA, António Braz (sel. e org.)

1986, *Filosofia da Saudade*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MEDINA, João (dir.)

1996, *História de Portugal*, vol. VI, Amadora, Clube Internacional do Livro.

PASCOAES, Teixeira de

1987, *Os Poetas Lusíadas*, Lisboa, Assírio e Alvim.

PASCOAES, Teixeira de

1998³, *Arte de Ser Português*, Lisboa, Assírio e Alvim.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira

1996, *O Messianismo de Pascoaes e a Educação dos Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

QUADROS, António

2001, *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, Lisboa, Guimarães Editores.

SÁ, Maria das Graças Moreira de

1992, *Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, Lisboa, ICLP.